

# O FUTURO SERÁ OFF-LINE

Game over.  
O famoso Chrome Dino,  
que surge no navegador  
do Google quando  
a internet cai

RUAN DE SOUSA GABRIEL  
rgabriel@edglobo.com.br  
SÃO PAULO

**S**e for possível um futuro habitável e partilhado em nosso planeta, será um futuro off-line", escreve o crítico de arte americano Jonathan Crary na abertura de seu novo livro, "Terra arrasada", lançado agora no Brasil pela editora Ubu. Professor da Universidade Columbia, em Nova York, é um crítico feroz do "complexo intermético", descrito como o "aparato global absoluto para a dissolução da sociedade" e "o equivalente digital da ilha de lixo que se expande rapidamente no Oceano Pacífico".

Crary já havia metralhado a internet em seu livro anterior, "24/7: capitalismo tardio e os fins do sono", no qual argumenta que o sono é a última fronteira da expansão capitalista, pois é o único momento em que não estamos trabalhando ou consumindo (que é o que fazemos indefinidamente nas redes sociais).

No novo livro, Crary reconhece que as mídias digitais servem para mobilizar os cidadãos em situações pontuais, mas afirma que nenhuma das mudanças estruturais das quais depende a sobrevivência do planeta será gestada na internet. A tecnologia digital, diz ele, tem deteriorado nossa experiência sensível e é urgente pensar alternativas a um mundo que nunca desliga.

Na entrevista a seguir,

**EM 'TERRA ARRASADA', O CRÍTICO DE ARTE JONATHAN CRARY AFIRMA QUE NÃO DÁ PARA CONSERTAR A INTERNET E QUE É URGENTE PENSAR EM ALTERNATIVAS AO MUNDO QUE NUNCA DESLIGA**

Crary nega ser um tecnóforo e torce para que as novas gerações de respondam ao cenário de terra arrasada em que estamos.

**Por que não dá para consertar a internet?**

Não é que não dê para consertar a internet, é que o capitalismo é destrutivo, é o fim da linha para a vida no planeta. O "complexo intermético" é inseparável dos processos de acumulação de capital em escala global. Podemos usar as ferramentas digitais para mobilizações políticas pontuais. Mas é preciso levar em conta que a internet é parte inerente da estrutura do capitalismo global. Há centenas de livros que defendem reformas as tecnologias digitais. Para bem e para o mal, quis



divulgação

escrever um livro radical, que chacoalhe essas perspectivas reformistas. Meu livro não é um manual.

**Mas é impossível ler "Terra arrasada" e "24/7" e não pensar que devemos sair das redes sociais, usar menos a internet, dormir mais...**

A pergunta "o que fazer?" deve ser respondida pelas novas gerações. Eu sou só um velho professor que quis provocar as pessoas. Em nenhum momento no meu livro eu sugiro que as pessoas

**Sem respostas.**

"A pergunta 'o que fazer?' deve ser respondida pelas novas gerações", diz Jonathan Crary

parem de usar a internet. A questão é entender que são necessárias mudanças estruturais, não só reformas. Não basta ajustar como usamos as redes. Precisamos alargar nossa imaginação social, política e inter-humana. Nossa capacidade de imaginar um mundo transformado corre perigo de desaparecer. Se não conseguirmos imaginar maneiras diferentes de viver, não vamos enfrentar a mudança climática que ameaça nosso futuro. Acreditar que podemos continuar usando a tecnologia digital do mesmo jeito é uma fantasia perigosa.

**Fica difícil imaginar se estamos o tempo todo em redes sociais, não?**

Esse é o grande problema. Nos Estados Unidos, há pouca resistência à promoção da cultura tecnológica, que promove fantasias tipicamente americanas, como a autonomia e a liberdade individuais, o empreendedorismo de si mesmo, a ilusão de que não dependemos de ninguém apesar da persistência da desigualdade econômica. A internet foi construída como um elemento unificador, que celebrava a fantasia de um mundo globalizado graças ao livre mercado, o que não se sustenta mais. Com esse livro, quis desafiar a suposição preguiçosa de que o conjunto de arranjos tecnológicos que chamo de "comple-

xo intermético" está aqui para ficar. A fragilidade desse complexo é inseparável da instabilidade do capitalismo. Talvez estejamos diante de uma nova crise bancária, por exemplo. Estamos assistindo ao colapso da expectativa de que instituições públicas e privadas tratem os cidadãos como prioridade e não há previsão de reinstalarmos um ambiente regulatório que preze pelo cuidado das pessoas.

**Você argumenta que a internet provoca um achatamento da sensibilidade. Como assim?**

A própria qualidade da vida humana está sendo degradada neste mundo que nunca desliga. A consequência disso é terra arrasada, é um mundo erodido, significativamente danificado. Os prejuízos não são só ambientais, mas também sociais. Somos encorajados a interagir com telas durante todas as horas que passamos acordados, o que elimina nossa possibilidade de sonhar acordado, de nos deslumbrar, de sentir a textura da experiência. Imaginação se tornou fluxo contínuo e monetizado de imagens e informação e temos até medo de desligá-lo. Se é assim, como vamos nos engajar nas tarefas essenciais para evitar a catástrofe?

**OS CONSUMIDORES PREVISÍVEIS, NA PÁGINA 2**



**Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista\***  
Autor: Jonathan Crary. Tradução: Humberto do Amaral. Editora: Ubu. Páginas: 192. Preço: R\$ 64,90.

# VÁ AO FESTIVAL, MAS NÃO ESQUEÇA A ROUPA DE BANHO

JENNIFER GERSTEN  
Do New York Times  
BERGEN, NORUEGA

Tudo era meio imprevisível na estreia da jovem compositora experimental norueguesa-tâmil Mira Thiruchelvam, produzida em uma piscina aquecida voltada para um fiorde. Pelo menos o apresentador tinha uma sugestão: traga roupa de banho. Isso é normal no Borealis, festival experimental que alcançou renome como uma plataforma de lançamento para projetos musicais ecléticos. Se, nas últimas décadas, os países nórdicos — facilitados pelo invejável financiamento governamental para as artes — provaram ser um viveiro de atividade musical, o Borealis se tornou o festival mais caloroso da região.

Liderado pelo diretor artístico Peter Meanwell e pela diretora-gerente Rachel Louis, o Borealis, que comemorou seu 20º aniversário em um evento recente de cinco dias, criou um espaço raro para uma exploração animada em um campo que notoriamente se leva muito a sério. É o festival que “não tem nada a temer”, como o jornal local Bergens Tidende o chamou.

Parte do que dá ao Borealis a sensação de acessibilidade é o uso dos centros culturais de Bergen, separados por becos de paralelepípedos, curtos e muitas vezes úmidos — algo comum na cidade mais chuvosa da Europa. Na noite de abertura, a fábrica de conservas United Sardine promoveu apresentações de compositores de toda a história do festival para homenagear seu aniversário. A plateia podia seguir até um salão real de banquetes do século XIII, cujo esplendor medieval era o pano de fundo para o conjunto indonêsio Gamelan Salukat, executando obras do compositor Dewa Alit.

## MÚSICA NA CABANA

O espaço mais aconchegante do Borealis foi uma pequena estrutura de madeira na montanha de Floyen, construída no estilo dos sami, o povo nativo da região que abrange partes de Noruega, Suécia, Finlândia e Rússia. Acessível por um curto trajeto em um teleferico e uma caminhada sinuosa, a estrutura contou com uma instalação sonora



**Aconchego.** Acima, plateia vê show do Borealis de uma piscina aquecida; à direita, instalação sonora em uma tradicional construção do povo sami

## EVENTO DE MÚSICA EXPERIMENTAL BOREALIS, NA NORUEGA, SE CONSEGUE COMO ESPAÇO PARA DESCONTRAÇÃO EM CAMPO FAMOSO POR SUA SERIEDADE

da artista residente do Borealis, a norueguesa sami Eli-na Waage Mikalsen — como o baixo agitado da peça aparentemente acompanhando a dança das chamas no fogo a lenha do local. Por causa do recente reconhecimento do músico norueguês de contínuas violações dos direitos humanos em terras sami, o uso que Mikalsen fez do experimentalismo sami — que foi o tema de sua palestra, com performances dos músicos sami Viktor Bomstad e Katarina Barruk — pareceu especialmente potente.

O festival deste ano também viu uma série de obras que investigam a natureza dos instrumentos, sondando seus materiais e ampliando seus limites. A discretamente

intensa dupla norueguesa de violino e contrabaixo Vilde&inga, colaborando com o compositor Jo David Meyer Lysne, apresentou “NIT”, diálogo entre a dupla e as esculturas cinéticas de metal e madeira de Lysne que se moviam silenciosamente para a frente e para trás durante toda a performance — destilação poética da ação de tocar um instrumento de cordas.

## BRINCADEIRAS MUSICAIS

Mais bem-sucedida nessa linha foi “INTERVALL”, criada e executada pelo trio de percussão norueguês Pinquins com a artista Kjersti Alm Eriksen. Em torno de um cubo oco de madeira, com instrumentos e eletrodomésticos pendurados em cordas no

teto, os quatro artistas começaram uma espécie de caça ao tesouro, arremessando objetos, soprando tubos de plástico presos ao cubo e até mesmo agarrando bastões longos para bater no próprio teatro, em uma sondagem inesgotável do potencial sonoro do ambiente.

Uma brincadeira semelhante permeou o imaginativo “Plans for Future Operas”, do compositor norueguês Oyvind Torvund, interpretado pela soprano Juliet Fraser e pelo pianista Mark Knoop. Parte de uma série contínua em que os grupos apresentam os sons de situações hipotéticas, “Plans” é acompanhado por uma apresentação de slides de desenhos simples de Torvund. Enquanto várias imagens piscavam na tela — entre elas, uma ópera de “buzina de carro”, para a qual Fraser trouxe as buzinas — a dupla transmitia, com entusiasmo e diversão evidentes, a linguagem musical descontraída de Torvund.

O público que veio mais tarde pôde assistir a apresentações deliciosamente arrebatadoras: a da violinista de White Mountain Apache, Laura Ortmann, e a da dupla eletrônica e vocal Ziur e Elvin Brandhi; à medida que a noite passava, um grupo

de jovens começou uma ocupação improvisada na pista de dança. Na manhã seguinte, banhistas na piscina aquecida testemunharam a divertida apresentação de Thiruchelvam, “External Factor”, com a dançarina Thannya Chandrasselan. O público dançou ao som eletrônico de Thiruchelvam, intercalado com suas improvisações na flauta e na guitarra elétrica, e vibrou com a coreografia de Chandrasselan, suas botas produzindo um atrito impressionante no chão molhado ao lado da piscina.

O festival teve como peça final “Counting Backward”, da compositora britânica (e ex-diretora do Borealis) Alwynne Pritchard. Foi uma colagem previsível de peças e observações pré-gravadas sobre o tempo e a natureza.

Poderia ter havido uma conclusão mais satisfatória para a semana: o show dos Pinquins duas noites antes no mesmo espaço. No clima desse trabalho, os artistas abriram o dossel do cubo de madeira, derramando sementes de girassol no chão. A chuva de sementes continuou e continuou — invocação hipnótica e aparentemente interminável do que um festival como o Borealis pode tornar possível.

CONTINUAÇÃO DA CAPA

## ‘A INTERNET TRANSFORMA OS JOVENS EM CONSUMIDORES PREVISÍVEIS’

Como você responde a acusações de ser um romântico pré-moderno que odeia a tecnologia?

Essa crítica vem de uma falsificação das minhas ideias por parte de quem tem uma definição estreita de tecnologia, reduzida a produtos de grandes corporações como Apple, Facebook e Microsoft, e que excluiu muito da engenhosidade e inventividade humanas. É absurdo me acusarem de ser contra a tecnologia quando se comprando o que essa palavra

**DEFENSOR DO RADICALISMO DOS ANOS 1960, JONATHAN CRARY AFIRMA QUE A MÚSICA AINDA OFERECE UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA À JUVENTUDE POR NÃO ESTAR A SERVIÇO DE NENHUMA AGENDA**

significa historicamente. A História da civilização é a História do emprego de diferentes tecnologias.

**Você acusa a cultura dos influenciadores de sabotar a juventude. Por quê?**  
O complexo intermético se esforça para transformar os jovens em consumidores previsíveis. O objetivo é impedir a emergência de uma juventude como a dos anos 1960. É fácil menosprezar e ridicularizar os anos 1960, substituir o que ameaçador e desafiante

foi aquele período de tumulto, de rebelião da juventude.

**Você participou daquela rebelião?**  
Em 1968, eu tinha acabado de entrar na Universidade Columbia, que era onde estavam os principais líderes da Students for a Democratic Society (Estudantes para uma Sociedade Democrática). Me engajei e participei do movimento contra a Guerra do Vietnã até meados dos anos 1970. Nunca reneguei essa parte do meu passado.

**No livro, você diz que apesar de estar integrada ao complexo intermético, a música é um dos poucos espaços onde os jovens ainda podem resistir. Por quê?**  
Sou professor há quase 30 anos, convivo com jovens e percebo que, embora eles estejam saturados pela mídia de massas, por filmes e videogames violentos, a música ainda permite a autodescoberta. Talvez isso se deva à intangibilidade da música, ao fato de que ela prescinde de imagens.

A música não me parece estar a serviço de uma agenda específica.

**O que você ouvia quando era um estudante de democracia nos anos 1960?**  
Aquele foi um período extraordinário! Tínhamos a fantasia de que a música também era poder. Mas a esta altura, prefiro deixar essas preferências de tanto tempo atrás para mim mesmo (risos). Me desculpe. (Ruan de Sousa Gabriel)